

---

# ENTRE PARIS E SÃO PAULO

## A internacionalização de modelos pedagógicos no início do século XX

Wiara Rosa Rios Alcântara\*

---

**Resumo:** O objetivo deste artigo é demonstrar, por meio do estudo da materialidade da Escola Normal do Brás, a internacionalização de modelos pedagógicos, no início do século XX, para a formação de professoras primárias. Os materiais provenientes de outros países, bem como os livros de autores estrangeiros retirados da biblioteca, como portugueses e franceses, são analisados pelos indícios que fornecem acerca dos saberes e práticas que circularam naquela instituição. Ainda que não se possa supor as práticas dos objetos, a presença deles informa sobre a concepção de escola, de formação de professora primária e orientações pedagógicas naquele contexto.

**Palavras-chave:** internacionalização, cultural material, formação de professoras

### **BETWEEN PARIS AND SÃO PAULO: THE INTERNATIONALIZATION OF PEDAGOGICAL MODELS IN THE EARLY TWENTIETH CENTURY**

**Abstract:** This research project aims at showing, through the study of the materiality of the Escola Normal do Brás, the internationalization of some pedagogical patterns, at the beginning of the 20th. century, into the formation of the elementary teachers. The sources from other countries, as well as the books by foreign writers took from the library, like Portuguese and French, are analyzed through the clues they offer about the knowledges and practices present in that institution. Although it is not possible to suppose the practices of objects' practices, their presence informs about the school conception, the elementary teacher formation and the pedagogical orientation in that context.

**Keywords:** internationalization, material culture, teacher formation

### **ENTRE PARIS ET SÃO PAULO: L'INTERNATIONALISATION DES MODÈLES PÉDAGOGIQUES AU DÉBUT DU XXE SIÈCLE**

**Résumé:** Le but de cet article est de démontrer, à travers l'étude de la matérialité de l'École Normale de Brás, l'internationalisation des modèles pédagogiques, au début du XX<sup>e</sup> siècle dans la formation

---

\* Universidade Federal de São Paulo (São Paulo, Brasil).

des institutrice. Les matériaux provenant d'autres pays, comme le Portugal ou la France, ainsi que des livres d'auteurs étrangers retirés de la bibliothèque, sont analysés parce qu'ils constituent des indices sur les connaissances et les pratiques au sein de cette institution. Bien qu'on ne puisse s'assurer de l'utilisation de ces objets, leur présence donne des indices concernant la conception de l'école, la formation des institutrices et l'orientation pédagogique dans ce contexte.

**Mots-clés:** internationalisation, culture matérielle, la formation des institutrice

## Introdução

Neste artigo objetivo problematizar, por meio do Inventário de Bens e do Livro de Consultas da Biblioteca da instituição, a *internacionalização* (Schriewer, 2004) de certos saberes e práticas que circularam na Escola Normal do Brás. Criada pela Lei nº 1.359, de 24 de dezembro de 1912 no governo de Francisco de Paula Rodrigues Oliveira, a Escola Normal do Brás, foi instalada no dia 31 de março de 1913 e destinava-se unicamente ao sexo feminino.

Nas primeiras décadas do século XX deu-se notável expansão do sistema público de educação e o aprofundamento de uma tendência iniciada nas últimas décadas do século XIX, isto é, a necessidade de uma formação específica dos docentes de primeiras letras (Tanuri, 2000). «À República cabia a tarefa de desenvolver qualitativa e, sobretudo, quantitativamente as escolas normais e de efetivar a sua implantação como instituição responsável pela qualificação do ensino primário» (Tanuri, 2000: 67).

É notável o papel atribuído à escola normal para renovação do ensino. Para tanto, ela mesma foi renovada do ponto de vista da arquitetura, do corpo docente e da introdução de nossos espaços, objetos, materiais escolares e pedagógicos. De que saberes e práticas de formação docente esses objetos e espaços podem ser indiciários?

A interrogação está relacionada ao interesse de discutir as propostas pedagógicas disseminadas pela Escola Normal nas décadas de 1910 e 1920 para a formação de professores.

Longe de exprimir uma homogeneização de modelos ou falar de influências, o interesse reside em analisar a cultura material escolar sob a perspectiva da *internacionalização* dos objetos e dos saberes. Tal procedimento, no entendimento de António Nóvoa (1998) faz emergir «novos problemas, novos modelos, novas abordagens». É importante perceber as redes ativas heterogêneas nas quais pessoas, objetos e rotinas estão conectados, nos modos de trabalho escolar (Lawn & Grosvenor, 2005).

Os estudos de Diana Vidal, desenvolvidos na perspectiva da história conectada, são referências fundamentais, aqui, sobretudo, nos modos de operar. Para a autora,

Compreender os objetos no espectro do possível da materialidade, das concepções pedagógicas e científicas e das negociações comerciais supõe um conhecimento sobre as técnicas produtivas, as populações escolares e a riqueza das nações (de seu aparelho público) e sobre as escolhas administrativas e políticas que determinam os investimentos econômicos [...] Espira-se também pelo debate acerca das formas de internacionalização existentes, bem como sobre as maneiras de construir inteligibilidades para essas relações multilaterais, no seu caráter histórico. (Vidal, 2005a: 39)

Para Margarida Felgueiras (2005: 94) «estudar a educação hoje significa prestar atenção à densidade histórica do sistema educativo, nos contextos históricos de realização, expressos numa cultura material, que, simultaneamente, traduz as concepções de uma sociedade e manifesta as condições em que puderam ocorrer».

O interior da escola e, sobretudo, da sala de aula, é colocado em evidência nos estudos que se interessam pela materialidade desses espaços. Nas palavras de Escolano Benito (2007: 21), os objetos da escola «são eles mesmos, dispositivos visíveis da escola, por meio dos quais, uma coletividade foi educada e instruída».

O texto será dividido em duas partes. Na primeira, examino os inventários bens da escola. O documento relaciona os móveis, materiais escolares, recursos e objetos pertencentes à escola, em dois momentos diferentes: 1913, ano da sua instalação e 1924. Na segunda, analiso o livro de consultas da biblioteca. Nele há registro do movimento da biblioteca com especificação de obras retiradas, nomes dos consulentes, datas de retirada e devolução, bem como o dia, mês e ano em que essas ações se davam. O destaque será dado às obras retiradas pelos professores das disciplinas específicas de formação das professoras.

Tais fontes podem ser férteis no sentido de revelar as intenções de instituir e consolidar saberes e práticas entre os professores, professoras e alunas. Ambos os documentos, produzidos no contexto das práticas administrativas e pedagógicas, «permitem não apenas a percepção dos conteúdos ensinados, a partir de uma análise dos enunciados e das respostas; mas o entendimento do conjunto de fazeres ativados no interior da escola» (Vidal, 2005b: 16).

São inúmeras as possibilidades de se acercar à cultura material escolar como objeto de investigação. Por isso, é preciso pontuar os limites das fontes citadas para a pesquisa. Elas não permitem estudar os usos dos objetos ou a importância que eles recebiam no trabalho daquela escola, ou ainda, que relações os professores estabeleciam com os livros e materiais pedagógicos, mas são profícuas na investigação das orientações pedagógicas que os colocam em circulação, considerando que os propósitos originais não determinam os usos subsequentes.

## 1. A escola, novos espaços e novos objetos

A materialidade da escola indicia muito mais que as condições de funcionamento das instituições de ensino. De acordo com Escolano Benito (2007), o legado material é uma fonte essencial para o conhecimento do passado da escola em suas dimensões prática e discursiva; a história material da escola se constrói a partir dos objetos, os quais portam significados que devem ser decifrados pelos indícios que sugerem ao pesquisador; os objetos são também registros da cultura empírica das instituições educativas e, nesse sentido, sinalizam orientações pedagógicas subjacentes à formação e ao trabalho docente, como defende.

Examinados sempre em suas significações culturais, os objetos e as representações sobre eles não são autônomas e atemporais (Escolano Benito, 2007). O aparecimento, o uso, a transformação e o desaparecimento desses objetos, são reveladores das práticas educacionais e suas mudanças (Souza, 2007), bem como das teorias pedagógicas que os põem em circulação.

Possibilidades e concepções educativas, perspectivas de formação docente podem ser percebidas nos objetos, no mobiliário, nos recursos e materiais pedagógicos. A compreensão de escola republicana, pelo menos no discurso, não se limitava ao espaço da sala de aula. «(...) os edifícios deveriam ser amplos e iluminados, abrigando uma profusão inédita de novos materiais escolares, produtos industriais que condensavam os modernos usos pedagógicos de povos mais civilizados, propondo-se prescritivamente como suportes de rotinas inéditas nas salas de aula» (Carvalho, 2001: 139).

Diversos ambientes foram introduzidos na estrutura escolar, de modo que a presença e a configuração dos mesmos denotam projetos educativos e modelos de escolarização.

A Escola Normal do Brás dispunha de espaços e equipamentos necessários para adequar-se ao projeto político modernizador republicano, e conseqüentemente, introduzir mudanças no ensino normal e primário. Na acepção de Escolano Benito (2007) as fontes materiais da cultura da escola redirecionam a investigação histórica para as práticas escolares. Elas sinalizam de um lado, uma corrente pedagógica, uma cultura empírico-prática; e de outro, são elas mesmas dispositivos visíveis da escola, por meio dos quais uma coletividade foi educada e instruída. Por essa via, os objetos da escola são fontes para elucidar os sentidos e as orientações pedagógicas que subjazem na cultura de que são portadores.

Corroborando essas idéias Souza (2007: 165), ao afirmar que «os artefatos materiais vinculam concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional constituindo um aspecto significativo da cultura escolar». Logo, cabe o questionamento acerca dos materiais e recursos pedagógicos disponíveis na Escola Normal do Brás no período estudado. Interessa identificar tais recursos e, ao fazê-lo, perceber de que modo estão atrelados às inovações educacionais e, como corolário, às concepções de formação da professora primária.

Em outras palavras, buscar a relação dos objetos com seus contextos de criação e uso, situando os materiais nos cenários de distintos lugares e tempos nos quais aquelas inovações se difundiram.

Ainda que não se possam supor as práticas dos objetos, a presença deles informa sobre a concepção de escola, de bom professor e de professora primária, bem como as orientações pedagógicas naquele contexto.

### ***1.1. O inventário de 1913***

O primeiro inventário é elaborado em 1913 quando a Escola Normal do Brás foi instalada. Em 1924, outro inventário é feito.

Na década de 1910, quando foi elaborado o primeiro inventário da Escola, é notável a hegemonia da crença no método intuitivo enquanto «instrumento pedagógico capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar» (Valdemarin, 1998: 67). De acordo com Valdemarin (1998), a implantação do método intuitivo no ensino brasileiro, que remonta às últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, expressa a pretensão de adotar uma orientação pedagógica em conformidade com a renovação educacional em curso na Europa e nos Estados Unidos da América, cujos efeitos extrapolaram os limites da sala de aula em direção às transformações sociais.

No caso paulista, a escola assume uma função essencial para o regime republicano na formação de «cidadãos que saibam ler, escrever, compreender e pensar» (Valdemarin, 1998: 68). Nesse contexto, o analfabetismo aparece como problema por excelência das primeiras décadas do século XX. Num primeiro momento, a arma proposta contra esse mal foi o ensino intuitivo e, num segundo momento, a Escola Nova.

Quanto ao método intuitivo, buscava intervir no caráter abstrato do ensino. Para Valdemarin (1998), seu princípio fundamental é a proposição de que a aprendizagem tem seu início nos sentidos, que operam sobre os dados do mundo para conhecê-lo e transformá-lo pelo trabalho e que a linguagem é a expressão deste conhecimento. Por isso, a criação de situações de aprendizagem em que o conhecimento não é meramente transmitido e memorizado, mas emerge no entendimento da criança a partir dos dados inerentes ao próprio objeto.

No inventário de 1913, os materiais em maior número são precisamente os relacionados às ciências naturais. São eles: quadros de Deyrolle de História Natural (36); caixa com borboletas classificadas (1); coleção com vinte e um pássaros preparados (1) (colhereiro, carqueja, frango de água, oricaca, socio galhu, gaiyota, mergulhão pescador, garça azul, socosinho, anum branco, juruty, marrequinha, alma de gato, cambacica, martin caxa, pica jarra, piassoca, verru-

meira); pato do mar macho (1); marreco de asa azul (1); colibri com ninho e ovos (1); coleção dentro de uma caixa com insetos (1).

Os quadros de História Natural, importantes para a «memória da vista» e «para o ensino dos olhos», como defendia Menezes Vieira (Vidal, 2007), aparecem, no inventário de 1913, relacionados ao nome de Deyrolle, numa clara referência ao Musée Scolaire Deyrolle. Em estudo acerca da circulação de objetos culturais, Diana Vidal (2007) mostra, por meio de uma história conectada, como as relações comerciais e educacionais entre Brasil, França e Portugal favoreceram a circulação de modelos, dentre eles, os museus pedagógicos e escolares.

Para a autora, «a utilização dos museus em escolas vinha a par de uma nova concepção de ensino que, refutando a memorização e a recitação típica dos manuais catequéticos, centrava o aprendizado no manuseio e na contemplação dos objetos» (Vidal, 2007: 206). Tais objetos muitas vezes encarnavam o «progresso de cada país em termos de instrução» e, por isso, davam visibilidade aos seus respectivos sistemas educativos.

Assim, «como delegados, educadores dos vários países iam aos Congressos para conhecer as novidades estrangeiras e exibir os produtos nacionais» (Vidal, 2007: 208). Joaquim José Menezes Vieira foi um desses educadores que, em visita à Exposição Universal de 1889 na França, possivelmente «estabeleceu o primeiro contato que levaria não só à importação do Musée Scolaire para as escolas brasileiras, como à sua nacionalização» (Vidal, 2007: 210).

A origem dos museus escolares, segundo Souza (1998), encontra-se intimamente relacionada às lições de coisas porque a difusão dos museus ocorreu concomitantemente à difusão do método intuitivo. Se Vidal (2007) e Barletta (2005) confirmam a presença desses materiais escolares vinculados à Maison Deyrolle e ao ensino intuitivo na Escola Normal Caetano de Campos, eles também possivelmente compunham o acervo da Escola Normal do Brás.

A longa descrição dos objetos e materiais escolares, pertencentes à Escola Normal do Brás, justifica-se aqui, pois permite perceber, se não as práticas, as intencionalidades educativas que envolvem a presença de certos recursos pedagógicos na escola. A escola possuía mapa histórico (1); mapas de linguagem (2); mapas para «physica» (8); mapas de anatomia (10); mapa «Mundi» (1); mapa de São Paulo (1); mapa do Brasil (1); mapa da Ásia (1); compassos de madeira (3); sólidos de madeira (8); modelos de barro (3); quadros parietais de «mechanica» (8); globo terrestre (1); globos planetários (2); quadros parietais de «mechanica» (4); cinco bastões de madeira (25); bastões de madeira quebrados (3); jogo de Criquet (1), ovos de madeira (6); mapas de linguagem (8); mapas do Brasil (7); mapas de São Paulo (2); mapas de termos geográficos ABC (5); mapas de São Paulo e Minas (4); mapas da Europa (8); mapas «Mundi» (3); mapa da América do Norte e do Sul (1); mapas da América do Norte (2); mapas da América do Sul (2); mapas da África (8); mapas de medidas lineares (9); mapa da Ásia e Estados (1); mapa da Ásia (1); mapas da Ásia e Oceania (5); réguas de madeira (2); compassos de madeira (25); sólidos de madeira

(26); sólidos de madeira (4); quadros de linguagem de A. Barreto (2); crânio humano desmontável (1); barômetro a mercúrio sistema Deyrolle (1); e quadro de anatomia da mulher (1).

Já no acervo da Escola Normal Caetano de Campos, Barletta (2005) identifica diversos quadros didáticos de História Natural (56); quadros de ensino intuitivo da linguagem (26); quadros sobre o Museu Escolar Brasileiro (57); quadros murais de zoologia (19); quadros de ciências referentes ao corpo humano (42); animais (5); vegetais (1); dentadura humana (1); alimentação (12); quadros para o ensino de aritmética (21); quadros de história pátria (30); dentre outros.

Conforme registros do inventário de 1913, no Laboratório de Física e Química da Normal do Brás, estavam reunidos no mesmo espaço, não somente os utensílios destinados ao estudo dessas duas disciplinas, mas também os materiais didáticos para História Natural.

De acordo com Souza (1998), a concepção de que o conhecimento é proveniente da observação e dos sentidos estabeleceu uma dependência entre o método e materiais escolares, os quais se constituíam em «ferramentas do trabalho docente e facilitadores da aprendizagem dos alunos».

Somente a partir do século XIX o Estado passa a investir sistematicamente na educação pública, providenciando os espaços, os profissionais e os materiais específicos para a criação e funcionamento das instituições de ensino. A quantidade de materiais, muitos deles importados, à disposição dos professores e alunos, mostra o investimento feito pelo Estado nas escolas normais e as tentativas de, por meio desses discursos e práticas operar alterações nos dispositivos das escolas normais e primárias paulistas.

Se nos últimos anos do século XIX e nos primeiros do século XX, o «ver» tornou-se mais importante que o «ouvir» na dinâmica escola, a partir dos anos 1920, o «fazer» tornou-se, pelo menos nos discursos, preponderante para a elaboração do saber pelos alunos.

Conforme a aceção de Vidal (2000: 510), apesar de o ensino intuitivo «voltar-se para a observação infantil e indicar a relevância da participação do aluno na aquisição do conhecimento, eram ainda ao professor que se destinavam os museus». Já a concepção de ensino escolanovista avançava a atividade da escola e das pessoas que envolvia para além da mera observação. «Experimentar era a nova meta do universo escolar. Tanto alunos quanto professores deveriam atuar como experimentadores na construção de práticas mais eficazes de aquisição de conhecimento. Uma outra dinâmica social, assim, impunha-se às relações escolares» (Vidal, 2000: 498). O tempo escolar dividido em atividades era substituído pelo tempo «psicológico» do interesse; o ensino dava lugar à aprendizagem e a criança ocupava um lugar central na elaboração do seu próprio saber.

Essa «outra dinâmica» tem a ver com a disseminação das idéias da Escola Nova em âmbito internacional, sobretudo a partir da década de 1920. A escola deveria «oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse

elaborar seu próprio saber» (Vidal, 2000: 498). Para esse propósito, a formação do professor e da professora primária seria essencial e, mais uma vez, a escola normal é o vetor principal para o alcance de tal objetivo. O inventário elaborado em 1924 oferece pistas deste movimento na Escola Normal do Brás.

### **1.2. O inventário de 1924**

A partir do inventário de bens da Escola Normal do Brás de 1924 outros objetos e espaços, ausentes no inventário anterior, são mencionados. O quadro abaixo é bastante ilustrativo dos novos espaços de que a instituição foi dotada.

TABELA 1  
**Inventários de bens da Escola Normal do Brás**

INVENTÁRIO DE 1913	INVENTÁRIO DE 1924
Gabinete do diretor	Gabinete do diretor
Secretaria	Gabinete do vice-diretor*
Portaria	Gabinete do corpo docente*
Corredor	Secretaria
Sala VI	Biblioteca *
Sala I	Pátio*
Sala II	Arquivo
Sala III	Salão *
Sala IV	Gabinete dos professores*
Sala V	Portaria
Sala VIII	Gabinete dentário*
Sala IX	Sala de ginástica *
Sala X	Corredores
Sala XI	Sala de arrecadação*
Sala XII	Sala de modelagem*
Sala XIII	Sala VI
Sala XVI	Sala I
Corredor	Sala II
Arquivo	Sala III

*[continua na página seguinte]*

Cozinha	Sala IV
Laboratório de física e química	Sala V
	Sala VII
	Sala VIII
	Sala IX
	Sala X
	Sala XI
	Sala XII
	Sala XIII
	Sala XV
	Sala XVI
	Sala XVII
	Sala XVIII
	Sala XXI
	Sala XXII
	Sala XXIV
	Sala XXV
	Laboratório de física e química
	Sala de experiências*
	Sala de anatomia*

**Fonte:** Elaboração da autora

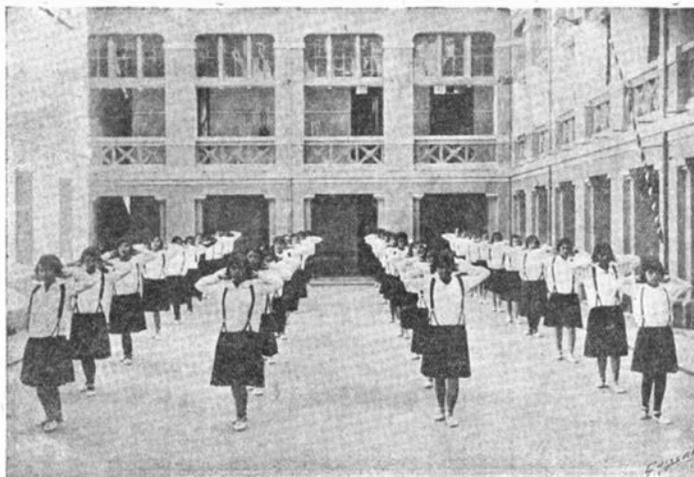
São doze novos espaços, provavelmente acrescentados a partir da década de 1920. A despeito de alguns deles já constarem desde a criação da escola, a ausência no inventário de 1913 e a presença no inventário de 1924, revelam os novos usos que podem ter sido dados aos espaços já existentes.

Na sala de ginástica constam objetos destinados à prática desse e de outros esportes, como: um Cavallo (aparelho de «gymnastica»); raquetas de «tennis» (6); cestas com suporte para jogo de bola (2); jogo completo de croquet (1); ganchos para «gymnastica» (12); bastões de madeira (60); quadro com numero (1); rede de «tennis» (1); corda para saltos (1); aparelho para saltos de altura (1); bancos para «gymnastica» (3); vigas de madeira (2); latados com doze vãos (2); bolas de couro para jogos n.3 (2); corda de junco (1). As fotografias a seguir permitem visualizar uma representação da aula de ginástica na Escola Normal do Brás e no Grupo Modelo anexo.

FIGURA 1

Aula de ginástica na Escola Normal do Brás

A CULTURA PHYSICA NAS ESCOLAS

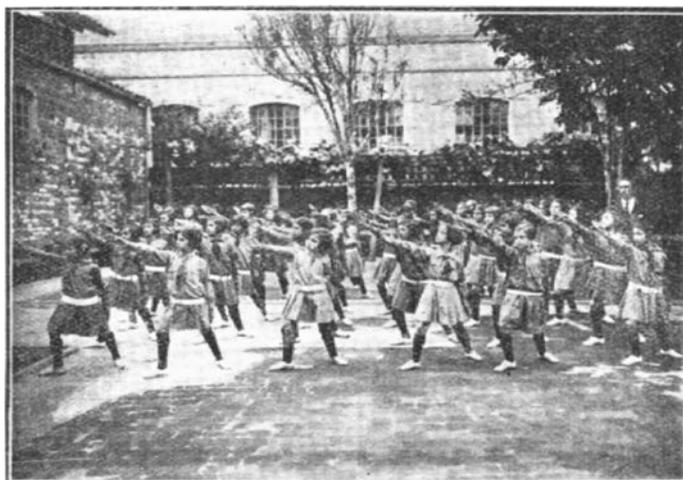


ALUMNAS DA ESCOLA NORMAL DO BRAZ, EM EXERCÍCIO.

Fonte: Anuário do Ensino (1926: 502).

FIGURA 2

Aula de ginástica no Grupo Escolar do Brás



3.º GRUPO ESCOLAR DO BRAZ  
*Uma classe em exercicios gymnasticos*

Fonte: Anuário do Ensino (1926: 23).

Se o inventário desses materiais não pode dar acesso às práticas cotidianas, as fotografias que mostram os professores e alunos atuando no espaço escolar são também vestígios que contribuem para se fazer outras aproximações às práticas escolares.

Aprender com prazer era também uma das finalidades da sala de experiências. Associado ao interesse estava a participação do aluno na construção do conhecimento. Por isso, os materiais ali existentes eram «imprescindíveis para a construção experimental do conhecimento pelo aluno» (Vidal, 2000: 498). O que pode ser constatado pelo registro, no mesmo ambiente, de trabalhos feitos pelas alunas, como: telégrafo sem fio (1); alambique (1); reconhecimento de substâncias dissolvidas na água (1); mistura de sais dissolvidos (1); termômetros escalas comparadas (2); reconhecimento das bases (1); tabela para uso do lacto-densímetro de Luvenne (1); rosa dos ventos (1).

O mesmo se dá com a sala de anatomia, onde havia uma extensa lista de trabalhos, identificados como «mapas feitos pelas alunas»: esquema do aparelho visual (1); tubo urinífero isolado com seus vasos sanguíneos (1); face posterior do bulbo (1); tubo digestivo (1); nervo raquidiano com duas raízes – anterior e posterior (1); vias sensitivas centrais (1); osso longo e chato de corte longitudinal (1); esquema do grande «sympathico» (1); articulações, esquema de um lóbulo pulmonar (1); esôfago e estômago (1); motora principal (1); esquema mostrando a circulação geral (1); pâncreas e duodeno (1); encéfalo visto lateralmente mostrando a posição do cerebelo (1); corte transversal da medula (1); pedúnculo cerebeloso inferior (1); corte transversal da medula e origem dos nervos (1); disposição geral de um órgão do sentido olfativo (1); globo ocular (1); glândula tiróide (1); medula – cordões (1); válvula do orifício da aorta (1); válvula da veia – vasos linfáticos com as suas válvulas (1); esquema da traquéia – brônquios e ramificações (1); cavidade do coração (1); superfície da língua e seus papilos (1); esquema do movimento reflexo (1); face interna do hemisfério esquerdo (1); bulbo raquidiano visto pela face anterior (1); face inferior do cérebro (1); face exterior do hemisfério esquerdo (1); corte transversal da pele (1).

Reaparecem os materiais atribuídos pelo redator do inventário à «Deyrolle»: coleção de borboletas (1); coleções de insetos (2); quadros científicos (4); esqueleto humano (1); vaso com vísceras (1); aparelho para projeção (1); mapas de propagandas higiênicas (36); pastas com material para classificação de folhas (5); mapa de variedades de penas (1); caixa com nove pastas com classificação de folhas e sementes (1); coleção de rochas (1); língua – Deyrolle (1); mão – Deyrolle (1); modelo anatômico – Deyrolle (1).

Além desses, outros constam como «oferta do museu». «Uma coleção de espécimes várias» – oferta do museu, que são os seguintes: «zoophetes»; «echinodermes»; moluscos lamelibranchos; moluscos gastopodos; crustáceos; aracnídeos e insetos. Também foram doados: vidro contendo um encéfalo (1); crânios (2); maxilar inferior (1); segmentos de vértebra (3); vidro com duas

laringes (1); vidro com uma laringe (1); cultura dos pulmões (1); caixinha com 25 dentes (1); balança de Roberval para um «kilo» com pesos (1); vidro com 40°C de álcool (1); modelo do aparelho auditivo com três peças (1); vaso pequeno com vísceras (1); pássaro curiano (1); pato do mar (1); frango d'água (1); galo (1); marreco de asa azul (1); coruja com cobra (1); curiango com inseto (1); marreca alemã (1); «marichette» (1); joly de sete cores (2); bicho de veludo (1); sabiá da praia (1); jolie (1); cajá-cebo (1); papa-capim (1); bem-te-vi (1); rolinha (1); beija-flor (1); trunca-ferro (1); licie (1); gavião (1); cegonha (1); águia (1); coruja grande (1); galinha (1); pavão (1); macaco bugio (1); cachorro do mato (1).

A «reconfiguração do campo normativo da pedagogia» em direção a uma pedagogia mais científica e à racionalização dos processos educativos parece não ter significado, no caso da Escola Normal do Brás, um apagamento total dos saberes, práticas e materiais do ensino intuitivo.

A ruptura que se operou nos anos 20 e 30 não foi para negar o movimento anterior, mas para aprofundá-lo. Se os educadores «escolanovistas» insistiam no valor da observação e ressaltavam a necessidade das excursões como atividades fundamentais na construção do conhecimento da criança eram como momentos iniciais, preparatórios à nova ação do aluno: experimentar. (Vidal, 2000: 510)

Esse movimento de aprofundamento, sugerido por Vidal, pode ser constatado no *Livro de Inventário*. Se, em 1913, são registrados objetos e materiais empregados conforme o método intuitivo, em 1924, consta não somente a introdução de novos objetos e espaços, como a sala de experiências e a sala de anatomia, mas a ampliação de materiais didáticos vinculados ao ensino intuitivo, como foi mostrado acima. A permanência desses materiais didáticos pode ser entendida sob a hipótese de que eles foram compondo o acervo da escola ao longo dos seus dez primeiros anos de funcionamento, de modo que, na década de 1920 coexistiam na Escola Nova do Brás, e a convivência dos dois modelos pode significar os modos complexos e imbricados por meio dos quais se deu a organização da escola paulista. Se o método intuitivo foi peça central na institucionalização do sistema de educação pública modelar (Carvalho, 2000), a Escola Nova foi o motor da reorganização das relações entre professor e aluno, do tempo e dos espaços escolares (Vidal, 2000) no período de expansão desse mesmo sistema. Entretanto, as duas orientações pedagógicas não se confundiam, ainda que ambas tenham assumido papel relevante na estruturação da escola primária paulista.

A seguir, o estudo das consultas e retiradas de livros da Biblioteca Escola Normal do Brás por alunas, professores e professoras pode ajudar a elucidar um pouco mais o lugar das duas orientações pedagógicas na formação das normalistas.

## 2. A Biblioteca da Escola Normal

A biblioteca, conforme Carvalho e Vidal (2000), é um dos locais consagradas à modernização pedagógica. De todos os espaços colocados em funcionamento a partir de 1921, é à biblioteca que se dará atenção no sentido de pensar, a partir das consultas feitas por professores da escola, os modelos pedagógicos que a organizam e que ela põe em circulação (Carvalho, 2007).

Tomando como fonte o *Livro de Registro do Movimento da Biblioteca*, a partir de 1921, identifico os livros retirados pelos professores Roldão de Barros e Eponina Costa, responsáveis pelas disciplinas mais específicas de formação docente, pedagogia e psicologia, prática pedagógica e didática, respectivamente.

Em seguida, exponho o conteúdo desenvolvido nas obras a fim de evidenciar que os modelos pedagógicos que circularam internacionalmente também se faziam presentes na Escola Normal do Brás. Não apenas na estrutura física e nos objetos, mas também nas leituras disponíveis a professores e alunas.

O objetivo da descrição não é supor as práticas ou saberes a partir das obras consultadas. É explorar as significações dos livros no debate educacional do período interrogando os saberes que veiculavam e o que esse movimento pode sinalizar quanto à formação da professora primária na década de 1920. Em outras palavras, em que medida os livros retirados pelos professores poderiam ser usados como «dispositivos para introdução de uma nova prática docente» (Vidal, 2001: 157).

TABELA 2

**Livros retirados entre 1925 e 1927**

Roldão de Barros	Eponina Costa
1. Pedagogia – Barth (treze vezes)	1. Lições de coisas – Calkins
2. Anthropologia pedagógica – Montessori (cinco vezes)	2. Pedagogia
3. Pedagogia Científica – U. Pizzoli	3. Lectures pédag. – Bremond
4. Pedologia – F. Vasconcelos (três vezes)	4. Thesouro poético
5. Pedagogia – Herbart	5. Manuscrito de uma mulher
6. O homem e a terra (três vezes)	6. Folhetins – F. Junior
7. Philosophia – P. Janet (quatro vezes)	7. A cidade e as serras – Eça
8. Lições de pedologia – F. Vasconcellos (cinco vezes)	8. Dicionário – Anlete
8. Lições de pedologia – F. Vasconcellos (cinco vezes)	9. Methodologia – Mercante
9. Dicionário pedagógico – Buisson	10. Alma cabocla (duas vezes)

*[continua na página seguinte]*

10. Princípios de pedagogia – A. Coelho	11. Ipês (duas vezes)
11. Educ. des enfants anorm.	12. Psychologie – Rayot
12. Como se ensina – Sampaio Doria	
13. Le livre de mon ami – A. France (três vezes)	
14. Os Maias – Eça (duas vezes)	
15. Dicionário – Larousse	
16. Dicionário pedagógico – M. Credano (duas vezes)	
17. Selecta: poesias – Anlete	
18. Coração – Edmond Amicis (duas vezes)	
19. Psychologia Experimental	
20. Cartilhas diversas	
21. Cartilha analitica – A. Barreto	

**Fonte:** Elaboração da autora

Em 1884, edita-se o volume *Lições de Coisas*, de Saffray. Em 1886, Rui Barbosa traduz *Primeiras Lições de Coisas*, de Calkins contribuindo para uma maior difusão, no Brasil, «das idéias de Pestalozzi e Froebel acerca do ensino intuitivo e da educação pelos sentidos, em oposição aos processos verbalistas da escola tradicional» (Tanuri, 2000: 67).

O manual didático *Primeiras Lições de Coisas*, elaborado pelo americano Norman Allison Calkins, afirma «serem os sentidos o principal instrumento de aprendizagem, justificando assim o ensino pelo aspecto, pela realidade, pela intuição, pelo exercício reflexivo dos sentidos, pelo cultivo complexo das faculdades de observação» (Valdemarin, 1998: 76-77). Segundo Vera Valdemarin (1998), o programa de ensino contido neste manual prescreve exercícios para a educação dos sentidos por meio da observação de formas, cores, números, tamanho, desenho, tempo e sons, até chegar à leitura e às qualidades das coisas, abrangendo também a educação física e moral. Essa orientação pedagógica, conhecida como método de ensino intuitivo, privilegia as coisas ao invés das palavras e, daí, o lugar preponderante que se deu aos objetos e materiais escolares para as situações concretas de ensino e aprendizagem.

Nessa mesma direção, o argentino Victor Mercante (1921) aborda o ensino primário destacando, dentre outros elementos, os exercícios intuitivos. Em 1921, *Metodología Especial de la Enseñanza Primaria*, já se encontrava na quarta edição. Segundo o autor, o livro

(...) tiende a sembrar semillas de acuerdo en el nuevo espíritu de las ciencias, de sus métodos y de los conceptos pedagógicos, nacidos, en parte, de la luz arrojada por los estudios de Psicología realizados con tanta intensidad durante los últimos años, y en parte, de los fines humanos que hoy persigue la escuela. (Mercante, 1921: X)

Nas primeiras décadas do século XX, a Argentina era um dos países para os quais os educadores paulistas olhavam a fim de resolver o difícil problema dos índices de alfabetização. No *Anuário do Ensino* de 1918, por exemplo, Oscar Thompson presta contas ao Secretário do Interior, quanto à viagem que fez à Argentina e ao Uruguai, com o propósito específico de observar a ação dos poderes públicos e particulares em prol da educação física. Como resumo de suas observações nos dois países ele relata:

O esforço para o estudo desse problema, à luz dos mais modernos processos, visando dotar o Estado de S. Paulo de melhoramentos compatíveis com o seu adiantamento, é digno dos maiores encomios e constitue assumpto de grande actualidade. Por outro lado, a Argentina e o Uruguai constituem dois dos melhores campos de observação nessa matéria, pois reúnem não só as vantagens de uma inteligente adaptação ao meio como ainda as de rigorosas e modernas bases científicas. (*Anuário do Ensino do Estado de São Paulo*, 1918: 186)

Como se pode notar, não era somente quanto aos métodos e processos da educação física que o Brasil olhava para a Argentina. Provavelmente interessavam também os exercícios intuitivos, as leis e lições do ensino da escrita, da leitura, da ortografia, da aritmética e composição – temas do livro de Mercante (1921).

Em direção oposta aos livros anteriores está o livro registrado como *Psychologie* de Rayot, retirado por Eponina Costa. Rayot relaciona educação, pedagogia e psicologia. Ele defende que a educação é a arte de desenvolver, harmoniosamente, as faculdades da criança a fim de que ela alcance o mais alto grau de perfeição que comporta a natureza humana. Mas toda arte precisa de aplicação e a prática deve estar subordinada a uma teoria que lhe serve de guia. Para Rayot, é a pedagogia que oferece as teorias necessárias à educação, mas ela mesma depende da psicologia, que não é a mesma da qual tratam as duas obras anteriores. Contrapondo a corrente anterior, ele alerta os educadores a não se conformarem com um tipo de *psychologie intuitive*, porque a educação não deve ser simplesmente um trabalho do instinto. Para marchar seguramente, o educador deve saber o que fazer e como fazer. Por isso, o conhecimento da psicologia é absolutamente necessário. Mas que psicologia? Uma ciência positiva fundada na experiência, mas que difere da física e da química pelas características dos fatos de que se ocupa e pelos métodos pelos quais os conhece.

Quanto ao professor Roldão de Barros, o livro mais retirado por ele foi a *Pedagogia* de Barth (13 vezes). Nessa obra, o autor tentou construir um sistema de educação e da instrução, baseando-se nas idéias modernas. Segundo Barth, entre os sistemas modernos, o de Herbart é o mais completo.

A pedagogia de Barth assegura que «todo conhecimento provém dos sentidos e progride pela elaboração lógica dos materiais (...)» (Barth, 1919: 245). Para legitimar essa idéia, ele cita Pestalozzi, pois ele «se declara ardente partidário dos objetos reais e inimigo das “miseras

letras”, da “confiança nas palavras” que prejudica muitíssimo o verdadeiro poder da intuição e do conhecimento sólido das coisas que nos rodeiam» (Barth, 1919: 250).

No tratado *Princípios de Pedagogia* José Augusto Coelho explica que sua obra foi impactada pela leitura do livro de Herbert Spencer *A Educação Physica, Intellectual e Moral*. O autor explica que a obra de Herbert Spencer chegou às suas mãos «(...) pouco depois de haver sido encarregado de reger a cadeira de pedagogia na Escola Normal (sexo masculino) da cidade do Porto (...)» (Coelho, 1891: VII). Observando os livros destinados ao estudo da pedagogia, Coelho (1891) chega à conclusão de que «a psychologia, base essencial da pedagogia, se encontra ainda em grande atraso» (Coelho, 1891: VIII). Tendo identificado esse problema, o autor se propõe a dar uma contribuição:

(...) pensei que, combinando os dados da psychologia com o princípio da identidade entre a evolução do indivíduo e da raça, poderia systematisar-se a sciência pedagogica, baseando-a nos dogmas d'esse alto positivismo phylosophico que hoje tende a dominar o mundo. Pareceu-me mais ainda que, estudando a maneira como se constituíram as sciencias fundamentaes na sua evolução historica, contemplando-as nas suas relações e desenvolvimento, poderia brotar d'ahi alguma luz para o grande problema da educação individual. (Coelho, 1891: VIII)

Tendo isso em vista, Coelho (1891) analisa os processos e métodos pedagógicos relativos a cada ciência nas suas relações com o ensino primário, entendendo que ele tem por objetivo geral apresentar ao «alumno» «a noção empyrica e fundamental da dynamica e estrutura do mundo» (Coelho, 1891: 149). Portanto, a instrução primária move-se, em sua primeira fase, «dentro do circulo sensorial de tudo o que é presentativo, adquirindo apenas um caracter mais e mais pronunciadamente conceptual ao attingir o ultimo periodo da sua lenta evolução» (Coelho, 1891: 149).

De forma detalhada, o tratado ocupa-se do seguinte: apresentação pedagógica, na instrução primária, das formas geométricas e das relações quantitativas (geometria e cálculo aritmético); dos agregados reais e presentativos (zoologia, botânica, cosmologia, mineralogia e química); de movimentos e relações de sucessão (física elementar, astronomia elementar e sociologia elementar). Pretendia, assim, o pedagogo português apresentar a pedagogia como uma ciência (Boto, 2010).

Maria Montessori, formada em antropologia, psicologia e pedagogia e autora do livro *Antropologia Pedagógica* se debruça sobre medidas educativas. O uso das medidas pode ser entendido sob uma dupla acepção. Elas conferiam cientificidade à pedagogia e possibilitavam que cada criança fosse instruída de acordo com suas diferenças individuais.

Ainda na perspectiva da pedagogia científica, o livro *Psicologia Experimental*, de Henri Piéron, trata das aplicações pedagógicas e escolares dessa ciência. Uma das contribuições da

Psicologia consiste em «modificar os processos de ensino, introduzindo um activo espirito de experimentação, no empirismo um pouco preguiçoso de outros tempos» (Piéron, s.d.: 135).

A pedagogia experimental seria a organização mais favorável do trabalho educativo, já que «trata-se não só de classificar os escolares, mas de determinar as horas e a duração que convenha a este ou àquele exercício, a distribuição do repouso, para a solução deste ou daquele problema, etc.» (Piéron, s.d.: 136). Dessa perspectiva decorre que a organização escolar deveria ser feita com base nos aportes da psicologia experimental. O primeiro passo seria a classificação racional dos escolares.

Dadas as diferenças individuais das crianças, o ideal da «escola sobre medida» (como pede Claparède), seria o ensino individual, á moda de Rousseau. Sem procurar atingir essa utopia, tem-se procurado obter a classificação homogênea dos escolares, que podem ser submetidos, assim, aos processos educativos que mais convenham aos indivíduos de um mesmo tipo mental. (Piéron, s.d.: 137)

Como consequência, os exames poderiam ser substituídos por testes, pois além dos resultados diretos dos processos escolares de educação e instrução, as verdadeiras aptidões intelectuais seriam aferidas – daí a importância da psicologia experimental «na boa organização pedagógica» (Piéron, s.d.: 137).

Em 1914, Roldão Lopes de Barros fez parte do seletto grupo que frequentou um dos cursos de «cultura pedagógica» oferecidos pelo professor italiano Ugo Pizzoli no Gabinete de Antropologia Pedagógica e Psicologia Experimental da Escola Normal da Praça, tidos por Monarcha (1999) como pontos culminantes do «clima normalista de *belle époque*», caracterizado pelo esforço de subversão da «pedagogia filosófica» pela «pedagogia realista», materializado no investimento de Oscar Thompson nos gabinetes e experimentos de antropologia pedagógica e psicologia experimental (Monarcha, 1999).

Bontempi Jr. (2001) assinala a ausência de evidências da prática da psicologia experimental por Roldão de Barros. Todavia, no livro da *Biblioteca da Escola Normal do Brás* há registro de que o professor de pedagogia e psicologia retirou os livros *Pedagogia Científica* de Ugo Pizzoli e *Psychologia Experimental*.

Por fim, sobre o livro de Faria de Vasconcellos, encontra-se uma menção do mesmo no Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1917. Antes de expor o programa do ensino para aquele ano, Oscar Thompson fez um arrazoado sobre a Escola Nova e lançou mão dos conceitos de Faria de Vasconcellos, para justificar teoricamente o programa que se seguiria e, responder de antemão a possíveis críticas. Citando Vasconcellos, Thompson (1917: 29-30) escreve:

Quem é tudo em educação, diz Vasconcellos (Lição de Pedologia e Pedagogia, p. 11), é a criança; é o seu conhecimento que deve ser aprofundado. O melhor programma só dará resultados quando a maneira de o ensinar

se adaptar ao espirito, ao typo mental e physico do alumno. É por isso que o melhor professor será aquele que melhor conhecer o seu aluno. Hoje, em todos os países, procura-se subordinar os methodos e os programmas de ensino, assim como a habilitação dos professores, ás necessidades individuaes physico-psychica da criança.

Sabe-se com isso que a obra usada pelo Diretor Geral da Instrução Pública estava vinculada ao escolanovismo, pois esse foi o tema tratado na introdução do anuário. A Escola Nova é apresentada por Thompson (1917) como a primeira das condições da eficiência escolar. Segundo ele,

a escola atual ainda ensina a todos a mesma coisa (...) e sua máxima preocupação é instruir. Nestes ultimos tempos, porém, um impulso novo tenta alargar os horizontes da escola, cujo fim principal é dar á sociedade um homem que seja util a si proprio e a seus semelhantes. Acresce, que, na escola atual, a instrução se dirige á coletividade, e, por isso continua ella a desconhecer a alma da criança e as suas tendencias, tornando-se-lhe, assim, impossível dirigir a sua actividade individual e social. (Thompson, 1917: 27-28)

Tratando das inovações pedagógicas em Portugal e na Espanha, entre os anos 1800 e 1975, Antón Costa Rico (1997) destaca entre as iniciativas de inovações dos sistemas educacionais, no início do século XX, a criação de Escolas Normais Superiores em Lisboa e Coimbra, em 1911, com a presença da psicologia experimental nos currículos. Tal inovação é associada ao nome de Faria de Vasconcelos «o persoeiro máis notable da Escola Nova em Portugal e um dos máis destacados pedagogos europeos, que acomete em Portugal accions similares ás desenvolvidas em España por Luzuriaga e por Cossío» (Costa Rico, 1997: 244).

A descrição do conteúdo de alguns dos livros retirados pelos professores da Escola Normal do Brás para modelos pedagógicos, saberes relativos à educação, à pedagogia, à formação de professores cuja circulação se deu em âmbito internacional.

### **Considerações finais**

A educação comparada, mais do que o que é comum, permite perceber as singularidades dos sistemas educacionais de cada país. De um lado, a adoção de padrões de avaliação, de formação de professores, de padrões teórico-metodológicos tende a uniformização dos saberes e das práticas. De outro lado, na dinâmica do cotidiano escolar, os usos que os sujeitos fazem dos objetos, dos saberes não podem ser totalmente controlado ou programado.

Seria precipitado afirmar pelo estudo da biblioteca, dos objetos, equipamentos e espaço da Escola Normal o modo pelo qual a Escola Normal do Brás se apropriou das inovações educacionais que circularam em diversos países do mundo desde as últimas décadas do século

XIX. Mas, a partir do livro de consultas da biblioteca, aqui analisado, algumas considerações relevantes podem ser feitas. A primeira tem a ver com o destaque que foi dado à biblioteca a partir de 1920. No contexto de renovação educacional a constituição de bibliotecas para auxiliar na formação de professores era um sinal de excelência e aprimoramento profissional (Vidal, 2001). Os livros, destinados às normalistas, futuras professoras, «organizam e constituem a cultura pedagógica representada como necessária ao desempenho escolar de seu destinatário, o professor» (Carvalho, 2007: 18).

A segunda diz respeito a uma possível convivência das ideias do ensino intuitivo e da Escola Nova no espaço da Escola Normal e estabelecimentos anexos. Considerando que os dois modelos foram disseminados em São Paulo, precisamente no período de estruturação do sistema público de ensino paulista, suas contribuições na organização escolar e no modo como se concebia a formação docente, o ensino e a aprendizagem, são significativas até porque essa convivência pode indicar as tensões e contradições em meio as quais se dão a formação docente, as práticas e os saberes escolares.

A circulação de livros, objetos e materiais escolares entre diferentes países evidenciam que desde a difusão mundial da escola, sobretudo a partir do século XIX, com a internacionalização da modernidade educativa, os países tomam uns aos outros como referência na implementação de novos saberes e novas práticas que visam a expansão da escolarização e melhoria do ensino-aprendizagem.

A segunda consideração importante que se pode fazer quando se lança mão da materialidade da escola é que a permanência dos livros e dos objetos impõe, de um lado, a convivência de diferentes modelos educativos no cotidiano escolar. De outro, nota-se uma reutilização (Certeau, 2003), um reemprego dos mesmos em diferentes circunstâncias ou por diferentes profissionais. Isso significa que, embora alguns modelos pedagógicos tornem-se internacionalmente hegemônicos, é no interior da sala de aula que o modo de emprega-los é decidido. Além disso, a despeito da similaridade de temáticas, concepções e interesses no que se refere à formação de professores, por exemplo, os problemas do cotidiano escolar e suas soluções não são as mesmas para todos os países. Nesse sentido, a história da educação, ao problematizar a circulação internacional de modelos educativos tem muito a dizer ao presente acerca de temas que são comuns a diversos países, mas nem por isso, são iguais.

**Correspondência:** Universidade Federal de São Paulo, Campus Diadema, Rua Professor Arthur Riedel, 275, Eldorado, 09972270 – Diadema, SP – Brasil.

Email: [wi.alcantara@usp.br](mailto:wi.alcantara@usp.br)

## Referências bibliográficas

- Barletta, Jacy (2005). *O lugar dos objetos no arquivo: Materiais escolares* (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Barth, Paul (1919). *Pedagogia: Ciencia y educacion*. Espanha: Espasa Calpe.
- Bontempi Jr., Bruno (2001). *A cadeira de história e filosofia da educação da USP entre os anos 40 e 60: Um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa* (Tese de doutoramento). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Boto, Carlota (2010). Compêndios pedagógicos de Augusto Coelho (1850-1925): A arte de tornar ciência o ofício de ensinar. *Revista História da Educação*, 14, 8-60.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de (2000). Reformas da Instrução Pública. In Cynthia Greive Veiga & Eliane Marta Santos Teixeira Lopes (Orgs.), *500 anos de educação no Brasil* (pp. 225-254). Belo Horizonte: Autêntica.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de (2001). A caixa de utensílios e a biblioteca: Pedagogia e práticas de leitura. In Diana Vidal & Maria Lucia S. Hilsdorf (Orgs.), *Brasil 500 anos: Tópicos em história da educação* (pp. 137-168). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de (2007). Uma biblioteca pedagógica francesa para a Escola Normal de São Paulo (1882): Livros de formação profissional e circulação de modelos culturais. In Marcus Levy A. Bencossta (Org.), *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos* (pp. 17-40). São Paulo: Cortez.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de, & Vidal, Diana (Org.). (2000). *Biblioteca e formação docente: Percursos de leitura (1902-1935)*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Certeau, Michel de (2003). *A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- Coelho, José Augusto (1891). *Princípios de pedagogia*. São Paulo: Teixeira & Irmão.
- Costa Rico, Antón (1997). Mobiliario, dotación y equipamiento escolar en el siglo XIX. *Revista Interuniversitaria Historia de la Educación*, 16, 91-112.
- Escolano Benito, Augustín (2007). *La cultura material de la escuela: Centenário de la junta para la ampliación de estudios, 1907-2007*. Berlanga de Duero, Soria: Centro Internacional de la Cultura Escolar.
- Felgueiras, Margarida Louro (2005). Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *Pro-Posições*, 16(1), 87-102.
- Lawn, Martin, & Grosvenor, Ian (Ed.). (2005). *Materialities of schooling: Design, technology, objects, routines*. Oxford: Symposium Books.
- Monarcha, Carlos (1999). *Escola Normal da Praça: O lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Mercante, Vitor (1921). *Metodología especial de la enseñanza primaria*. Buenos Aires: Cabaut y Cía.
- Nóvoa, Antonio (1998). Modeles d'analyse en education comparée: Le champ et la carte. In António Nóvoa (Org.), *Histoire et comparaison (Essais sur l'Éducation)* (pp. 51-84). Lisboa: Educa.
- Piéron, Henri (s.d.). *Psychologia experimental* (2ª ed.). Tradução autorizada por Lourenço Filho. Biblioteca de Educação. Companhia Melhoramentos de São Paulo.
- Schriewer, Jürgen (2004). L'internationalisation des discours sur l'éducation: Adoption d'une «idéologie mondiale» ou persistance du style de «réflexion systémique» spécifiquement nationale?. *Revue Française de Pédagogie*, 146, 7-26.

- Souza, Rosa F. (1998). *Templos de civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.
- Souza, Rosa F. (2007). História da cultura material escolar: Um balanço inicial. In Marcus Levy A. Bencostta (Org.), *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos* (pp. 163-192). São Paulo: Cortez.
- Tanuri, Leonor (2000). História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, 14, 61-88.
- Thompson, Oscar (1917). *Anuário do ensino do estado de São Paulo*. São Paulo: Diretoria Geral da Instrução Pública.
- Valdemarin, Vera T. (1998). Método intuitivo: Os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In Jane Soares de Almeida, Rosa Fatima de Souza, & Vera Teresa Valdemarin (Orgs.), *O legado educacional do século XIX* (pp. 63-105). Araraquara: UNESP.
- Vidal, Diana (2000). Escola nova e processo educativo. In Cynthia Greive Veiga & Eliane Marta Santos Teixeira Lopes (Orgs.), *500 anos de educação no Brasil* (pp. 497-517). Belo Horizonte: Autêntica.
- Vidal, Diana (2001). *O exercício disciplinado do olhar: Livros, leituras e práticas de formação docente no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.
- Vidal, Diana (2005a). *Culturas escolares: Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Vidal, Diana (2005b). Cultura e práticas escolares: Uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In Rosa Fátima de Souza & Vera Teresa Valdemarin (Orgs.), *A cultura escolar em debate: Questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa* (pp. 3-30). Campinas: Autores Associados.
- Vidal, Diana (2007). O museu escolar brasileiro: Brasil, Portugal e a França no âmbito de uma história conectada (final do XIX). In Alberto Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, & Rogério Fernandes (Orgs.), *Para compreensão histórica da infância* (pp. 199-220). Belo Horizonte: Autêntica.

## Legislação

- Lei nº 1.359, de 24 de dezembro de 1912, Cria uma Escola Normal Primária no districto do Brás, da capital do Estado e outra na cidade de Casa Branca. Coleção das Leis e Decretos do Estado de São Paulo. São Paulo: Tipographia do Diário Oficial. Tomo XXII, p. 87.
- Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1918.
- Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1926.

## Documentos escolares

- Escola Normal Do Brás, *Inventário de bens da Escola Normal do Brás de 1913 e 1924*.
- Escola Normal Do Brás. *Livro de Consultas da Biblioteca da Escola Normal do Brás*.

